

SARNEY, TRANQUÍLO (COMO O BRASIL).

O plano estava pronto, mas o Serviço Nacional de Informações (SNI) descobriu e avisou o presidente José Sarney a respeito do que seria sua maior preocupação de ontem: militantes do MR-8 e do PC do B tentariam se apossar do esquife com o corpo de Tancredo Neves para levá-lo sobre os ombros pelas ruas. O ataque ao tanque Urutu, que fazia o transporte da Base Aérea de Brasília para o Palácio do Planalto, seria na altura da quadra 114 Sul.

Ao tomar conhecimento do plano, Sarney estava no Palácio do Planalto, com dona Risoleta e outros membros da família Neves. Imediatamente, determinou um reforço na segurança do esquife e procurou convocar ao seu gabinete o deputado Luiz Guedes (PMDB-MG), simpatizante do PC do B, para encarregá-lo de negociar com os manifestantes e convencê-los a desistir da idéia.

O deputado obteve sucesso na negociação, utilizando o argumento de que o seqüestro iria repercutir negativamente para os dois grupos políticos. Ainda assim, por precaução, o tanque Urutu deixou a velocidade de dez quilômetros por hora, para avançar a toda capacidade, chegando ao palácio muito mais rápido do que o previsto.

A exceção desse incidente, revelado por uma fonte ligada diretamente ao gabinete do presidente e à sua residência do Jaburu, Sarney teria tido um dia conforme

havia sido planejado: sob controle. Ele só foi dominado pela emoção quando recebeu a notícia da morte de Tancredo, tendo uma forte crise de choro, antes de se dirigir ao Palácio do Planalto para ler seu pronunciamento à Nação.

De volta à sua residência oficial, José Sarney ainda recebeu alguns políticos na madrugada de ontem, antes de jantar. Depois, em companhia apenas da filha Roseane, do genro Jorge Murad e do assessor de imprensa Fernando César de Mesquita, pegou um bilhete que o presidente eleito lhe escrevera ainda no hospital, lendo-o após prevenir:

— Este é um documento histórico. É o último documento elaborado pelo presidente Tancredo.

As 2h30, depois de mandar bloquear as ligações telefônicas — só atenderia os ministros do Gabinete Militar, general Bayme Denys, que se encontrava em São Paulo, e do SNI, general Ivan Souza Mendes — Sarney foi dormir.

Ele acordou antes das 7 horas, tomou café com seus familiares e recebeu o primeiro telefonema do dia. Era o general Ivan de Souza Mendes, avisando-o que as greves programadas para serem iniciadas, ontem haviam sido suspensas em respeito à morte de Tancredo.

— Isso me deixa bastante tranqüilo.

porque demonstra a maturidade e a consciência do trabalhador e do homem brasileiro neste momento difícil que o País atravessa.

As 9h15, o presidente chegou ao Palácio do Planalto, dirigindo-se diretamente ao seu gabinete do terceiro andar. Em reunião com o general Souza Lima, foi informado de que todo o País estava em calma, apesar da comoção de toda a população. Sarney, então, acertou os últimos detalhes sobre as homenagens oficiais a serem prestadas a Tancredo Neves, que vinham sendo coordenadas pelo Cerimonial do Palácio do Planalto e do Itamaraty.

Ainda na reunião da manhã de ontem, o presidente autorizou a divulgação do documento sobre os procedimentos dos funerais e a orientação para a população de Brasília sobre a forma de visitação ao corpo de Tancredo Neves, enquanto estiver exposto no saguão do segundo andar do Palácio do Planalto.

Pouco antes da chegada do esquife, Sarney foi à Base Aérea de Brasília em companhia de sua mulher, dona Marly, pedindo ao seu assessor de Imprensa para ser repetido pelas rádios e emissoras de televisão o pronunciamento feito à Nação no domingo, com a recomendação para ocupar o menor tempo possível.

— O Brasil está vivendo hoje o dia de Tancredo Neves e ninguém tem o direito de tirar partido deste momento — disse ele.

Na Base Aérea, Sarney notou a presença de alguns deputados e do governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola. Embora o Cerimonial previsse apenas as presenças do presidente da República, do Senado, da Câmara dos Deputados, do Supremo Tribunal Federal e do núncio apostólico, o próprio Sarney pediu que os políticos se incorporassem à comitiva, na sala de autoridades da Base Aérea.

O carro presidencial deveria seguir o cortejo fúnebre, mas o abandonou por determinação do presidente, ao saber que dona Risoleta passava mal, indo diretamente ao Palácio do Planalto, onde aguardou a chegada do esquife. Ele desceu para o segundo andar pouco antes do início da missa de corpo presente.

Depois da cerimônia, o presidente foi ao seu gabinete, onde recebeu alguns políticos e empresários, prestando um agradecimento especial ao porta-voz do Palácio do Planalto, Antônio Brito, pelo seu desempenho durante todo o período de hospitalização de Tancredo Neves. Sarney deixou o palácio no final da noite, para estar de volta às 7 horas de hoje. As 8h30 assiste a missa e depois recebe a visita do corpo diplomático.

Mesmo com a morte de Tancredo Neves, a permanência definitiva de José Sarney no cargo de presidente ainda é um assunto tratado com muito cuidado pelo Supremo Tribunal Federal. Nenhum dos ministros se arrisca a afirmar que o preenchimento da vaga pelo vice é a forma correta e constitucional. Sabe-se, informalmente, que há um consenso entre eles sobre a decisão do Congresso de que Sarney cumprirá o mandato.

A manifestação informal do Supremo começou na madrugada do dia 15 de março, quando o presidente eleito Tancredo Neves foi internado às pressas no Hospital de Base de Brasília. Naquele momento, segundo um dos ministros, ninguém poderia imaginar que o desfecho fosse tão trágico.

A discussão entre os ministros, segundo um deles, não passaria de uma reunião para troca de sugestões e idéias. Moreira Alves, presidente do Supremo, informou que embora a Corte não seja "órgão consultivo", a idéia era prevenir uma possível impugnação que teria de ser julgada imediatamente. Na ocasião do encontro, realizado na casa de Moreira Alves, no máximo cogitou-se de dar posse a Tancredo no hospital ou empossar o vice para o exercício da Presidência da República. A decisão do Congresso de manter Sarney no cargo acabou tranqüilizando os ministros, que desde então não se preocuparam mais com o assunto.